



# MATT HAIG

Bestseller do Sunday Times

# COMO *parar o* TEMPO

De quantas vidas precisamos  
para aprender a viver?

«Matt Haig retrata bem a condição humana,  
tanto o seu lado brilhante como o negro.»

NEIL GAIMAN

TOP  
SELER

*Para a Andrea*

**P**enso muitas vezes no que Hendrich me disse, há mais de um século, no seu apartamento de Nova Iorque.

— A primeira regra é não se apaixonar — disse ele. — Há outras regras, mas esta é a principal. Nada de se apaixonar. Nada de viver apaixonado. Nada de sonhar acordado com o amor. Se cumprir isto à risca, vai correr tudo bem.

Através do fumo curvo do seu charuto, contemplei o Central Park, onde jaziam as árvores arrancadas pela raiz pelo furacão.

— Duvido que alguma vez volte a amar — respondi.

Hendrich sorriu, como o demónio que conseguia ser.

— Ainda bem. Tem, claro, permissão para amar comida, música, champanhe e as raras tardes soalheiras de outubro. Pode amar a visão de cascatas e o cheiro dos livros antigos, mas o amor pelas pessoas é de acesso restrito. Ouviu bem? Não se prenda às pessoas, e tente ter o mínimo de sentimentos possível por aquelas que vier a conhecer. Porque, caso contrário, irá enlouquecer aos poucos...



## **PRIMEIRA PARTE**

A Vida no Meio dos Efêmeros

**E**u sou velho.

É a primeira coisa a dizer-vos. Aquilo em que é menos provável que acreditem. Se me vissem, haveriam provavelmente de pensar que tenho cerca de 40 anos, mas estariam muito enganados.

Eu sou *velho* — velho no sentido em que uma árvore, ou uma amêijoia-mercenária, ou um quadro do Renascimento são velhos.

Para vos dar uma ideia: nasci há bem mais de 400 anos, a 3 de março de 1581, no quarto dos meus pais, no terceiro andar de um pequeno palacete francês que, na altura, era a minha casa. O dia estava quente para a época do ano, ao que parece, e a minha mãe pedira à enfermeira para abrir todas as janelas.

— Deus sorriu-te — disse a minha mãe. Embora eu ache que ela poderia ter acrescentado que, caso Ele exista, o sorriso tem sido, desde então, um esgar.

A minha mãe morreu há muito tempo. Já eu, por outro lado, não morri.

É que eu sofro de uma patologia.

Durante bastante tempo pensei nela como sendo uma doença, mas doença não é propriamente a palavra certa. Doença sugere enfermidade e desgaste. É melhor dizer que tenho uma patologia. Rara, mas não única. Uma patologia de que ninguém tem conhecimento até sofrer dela.

Não consta de nenhum relatório médico oficial. Nem tem nome oficial. O primeiro médico respeitado a dar-lhe uma designação, na década de 1890, chamou-lhe «*anageria*», mas, por motivos que

haverão de tornar-se claros, isso nunca chegou ao conhecimento público.

A patologia desenvolve-se por volta da puberdade. O que acontece depois disso é... Bem, não é grande coisa. Inicialmente, o «portador» da patologia não irá reparar que a tem. Afinal de contas, todos os dias as pessoas acordam e veem a mesma cara que viram ao espelho no dia anterior. Dia após dia, semana após semana, até mesmo mês após mês, as pessoas não mudam de modo muito perceptível.

Mas, à medida que o tempo avança, em dias de aniversário ou outros marcos anuais, as pessoas começam a reparar que não estamos a envelhecer nada.

Porém, a verdade é que o processo de envelhecimento do indivíduo não para. A idade avança exatamente da mesma maneira. Só que muito mais devagar. A velocidade do envelhecimento entre os que sofrem de *anageria* flutua um pouco, mas geralmente é um rácio de 1:15. Por vezes, é de 1 ano por cada 13 ou 14 anos, mas comigo aproxima-se mais dos 15.

Portanto, não somos imortais. As nossas mentes e os nossos corpos não se encontram em estase. Só acontece que, de acordo com a mais recente e sempre mutável ciência, vários aspetos do nosso processo de envelhecimento — a degeneração molecular, a ligação cruzada entre células num tecido, as mutações celulares e moleculares (incluindo, de modo mais significativo, para o ADN nuclear) — acontecem numa outra moldura temporal.

O meu cabelo ficará grisalho. Eu posso ficar careca. A osteoartrite e a perda de audição são prováveis. Os meus olhos têm a mesma probabilidade de sofrer de presbiopia relacionada com a idade. Acabarei por perder massa muscular e mobilidade.

A peculiaridade da *anageria* é que tende a conferir-nos um sistema imunitário fortalecido, que nos protege de muitas (não de todas) infeções virais e bacterianas, mas, em última análise, até isso começa a enfraquecer. Não querendo maçar-vos com a parte científica, parece que a nossa medula óssea produz mais células estaminais hematopoiéticas — as que conduzem aos glóbulos brancos — durante os nossos anos áureos, embora seja importante realçar que

isto não nos protege de ferimentos nem de subnutrição, e não dura para sempre.

Portanto, não pensem em mim como um vampiro sensual, eternamente estacado no auge da sua virilidade. Se bem que tenha de admitir que a sensação pode ser a de se estar eternamente estacado, quando, se olharmos para a nossa aparência, apenas uma década se passou entre a morte de Napoleão e o primeiro homem na Lua.

Uma das razões para as pessoas não saberem de nós é o facto de a maioria delas não estar preparada para acreditar nisto.

Por regra, os seres humanos simplesmente não aceitam coisas que não encaixam na sua visão do mundo. Por isso, poder-se-ia facilmente dizer: «Eu tenho 439 anos de idade», mas, de um modo geral, a reação seria: «Estás doido?». Ou, em alternativa, a morte.

Outra razão para as pessoas não saberem de nós é o facto de estarmos protegidos. Por uma espécie de organização. Qualquer pessoa que descubra efetivamente o nosso segredo — e acredite nele —, está propensa a ver a sua breve vida ainda mais abreviada. Portanto, o perigo não vem apenas dos humanos vulgares.

Vem também de dentro.



## *Sri Lanka, há três semanas*

**C**handrika Seneviratne jazia por baixo de uma árvore, à sombra, cerca de cem metros por trás do templo. As formigas subiam-lhe pelo rosto enrugado. Os olhos estavam fechados. Ouvi um restolhar nas folhas por cima de mim e ergui o olhar para ver um macaco a fitar-me, julgando-me.

Eu tinha pedido ao condutor do *tuk-tuk* para me levar a ver macacos no templo. Ele dissera-me que aquela espécie de pelo vermelho-acastanhado e face pelada era um macaco *rilewa*.

— Em risco de extinção — explicara o condutor. — Não restam muitos. Este é o sítio deles.

O macaco fugiu disparado. Desapareceu por entre as folhas.

Apalpei a mão da mulher. Estava fria. Imaginei que estivesse ali deitada, por encontrar, há cerca de um dia. Fiquei a segurar-lhe na mão e dei por mim a chorar. As emoções eram difíceis de identificar. Uma onda crescente de remorso, alívio, pesar e medo. Fiquei triste por Chandrika não estar ali para responder às minhas perguntas. Mas senti-me também aliviado por não ter de matá-la. Eu sabia que ela teria de morrer.

O alívio transformou-se noutra coisa. Pode ter sido o stress ou o sol, ou podem ter sido os *hoppas* de ovo que comi ao pequeno-almoço, mas comecei a vomitar. Foi nesse momento que se tornou claro para mim. *Não posso continuar a fazer isto.*

No templo não havia rede, por isso esperei até estar de volta ao meu quarto de hotel na antiga cidade fortificada de Galle, aninhado



no interior da minha rede mosquiteira, pegajosa por causa do calor, e fitando escusadamente a lenta ventoinha do teto, para então telefonar a Hendrich.

— Fizeste o que tinha de ser feito? — perguntou ele.

— Sim — respondi, o que era metade verdade. Afinal, o resultado tinha sido o que ele pedira. — Ela está morta. — Depois, perguntei o que perguntava sempre: — Encontraste-a?

— Não — disse ele, como sempre. — Não a encontramos. Ainda não.

*Ainda.* Aquela palavra podia aprisionar-nos durante décadas. Mas, desta vez, eu tinha uma nova confiança.

— Agora, Hendrich, por favor. Quero uma vida vulgar. Não quero fazer isto.

Ele suspirou, cansado.

— Preciso de estar contigo. Já passou demasiado tempo.



## *Los Angeles, há duas semanas*

**H**endrich estava de regresso a Los Angeles. Não vivia lá desde a década de 1920, por isso partiu do pressuposto de que seria bastante seguro fazê-lo, e de que não haveria ninguém vivo que se lembrasse dele da época anterior. Tinha uma casa grande em Brentwood, que servia de quartel-general à Sociedade Albatroz. Brentwood era perfeita para ele. Um terreno com aroma a gerânios de grandes casas aninhadas por detrás de cercas altas e muros e sebes, onde as ruas eram livres de peões e tudo, até as árvores, tinha um aspeto perfeito, ao ponto de parecer estéril.

Fiquei bastante chocado ao ver Hendrich, sentado ao lado da sua grande piscina numa espreguiçadeira, de computador portátil no joelho. Normalmente, Hendrich tinha basicamente a mesma aparência, mas eu não pude deixar de reparar na mudança. Parecia *mais novo*. Ainda velho e artrítico, mas, ora bem, melhor do que estava um século antes.

— Olá, Hendrich — disse. — Estás com bom aspeto.

Ele assentiu com a cabeça, como se isto não fosse novidade.

— Botox. E um *lifting* da testa.

Ele nem sequer estava a brincar. Nesta vida, era um antigo cirurgião plástico. A história de fundo era a de que, depois de se reformar, tinha-se mudado de Miami para Los Angeles. Dessa maneira podia evitar a questão de não ter antigos clientes na terra. O nome dele ali era Harry Silverman. («Silverman. Não gostas? Soa a um super-herói envelhecido. Que é o que eu sou, de certa forma.»)

Sentei-me na espreguiçadeira que sobrava. A empregada dele, Rosella, aproximou-se com dois batidos cor de pôr do sol. Reparei

nas mãos dele. Pareciam velhas. Manchas de fígado, pele papuda e veias azul-índigo. Os rostos conseguem mentir com mais facilidade do que as mãos.

— Espinheiro marítimo. É uma loucura. O sabor é uma merda. Prova.

O mais espantoso em Hendrich é que ele acompanhava meticolosamente os tempos. Sempre o tinha feito, acho eu. Fazia-o seguramente desde a década de 1890. Séculos antes, a vender tulipas, devia ter sido a mesma coisa. Era estranho. Ele era mais velho do que qualquer um de nós, mas estava sempre a par de qualquer tendência da época.

— A questão é que, na Califórnia, a única maneira de parecer que se está a ficar mais velho é parecer que se está a ficar mais jovem. Se depois dos 40 anos conseguires mexer a testa, as pessoas ficam muito desconfiadas.

Contou-me que tinha estado em Santa Bárbara durante dois anos, mas que se aborrecera um pouco.

— Santa Bárbara é agradável. É o paraíso, com um bocado mais de trânsito. Mas no paraíso nunca acontece nada. Eu tinha uma casa nos montes. Bebia vinho da terra todas as noites. Mas estava a dar em doido. Estava sempre a ter ataques de pânico. Em mais de sete séculos de vida, nunca tinha tido um único ataque de pânico. Testemunhei guerras e revoluções. Tudo bem. Mas chego a Santa Bárbara e começo a acordar na minha confortável vivenda com o coração aos saltos e a sentir-me como se estivesse encurralado dentro de mim mesmo. Já Los Angeles é uma coisa diferente. Los Angeles acalmou-me de imediato, posso dizer-te...

— Sentir-se calmo. Deve ser agradável.

Ele estudou-me por momentos, como se eu fosse uma obra de arte com um significado oculto.

— O que é que se passa, Tom? Tens tido saudades minhas?

— Algo do género.

— O que é que foi? A Islândia foi assim tão má?

Eu estivera a viver na Islândia durante oito anos, antes da minha breve missão no Sri Lanka.

— Senti-me sozinho.

— Mas eu pensava que querias estar sozinho, depois do tempo que passaste em Toronto. Disseste que a verdadeira solidão era estar rodeado por pessoas. E, além do mais, é isso que nós somos, Tom. Somos solitários.

Inalei, como se a frase seguinte fosse algo que obrigasse a submergir.  
— Quero deixar de ser isso. Quero sair.

Não houve grande reação. Ele nem pestanejou. Olhei para as suas mãos nodosas e para os nós dos dedos inchados.

— Não existe *sair*, Tom. Sabes disso. Tu és um albatroz. Não és um efêmero. És um albatroz.

A ideia por detrás dos nomes era simples: em tempos idos, pensava-se que os albatrozes eram criaturas que viviam muito tempo. A verdade é que só vivem até aos 60 anos, mais ou menos; muito menos do que, digamos, os tubarões da Gronelândia, que chegam aos 400, ou a amêijoia-mercenária, que os cientistas apelidam de «Ming», por ter surgido na época da dinastia Ming, há mais de 500 anos. Mas, fosse como fosse, nós éramos albatrozes. Ou albas, para abreviar. E qualquer outro humano à face da terra era categorizado como efêmero. Assim chamado por causa dos insetos aquáticos de vida curta que atravessam um ciclo de vida completo num dia ou — no caso de uma das subespécies — em cinco minutos.

Hendrich nunca se referia aos outros seres humanos comuns de outra maneira que não como efêmeros. Eu começava a achar a sua terminologia — terminologia que eu arraiagara em mim — cada vez mais ridícula.

Albatrozes. Efêmeros. A tolice de tudo isso.

Para a muita idade e inteligência que tinha, Hendrich era fundamentalmente imaturo. Era uma criança. Uma criança incrivelmente velha.

Essa era a parte deprimente de se conhecer outros albas. Percebíamos que não éramos especiais. Não éramos super-heróis. Éramos apenas *velhos*. E que, em casos como o de Hendrich, não fazia grande diferença quantos anos, décadas, ou séculos tinham passado, porque se vivia sempre dentro dos parâmetros da nossa personalidade. Nenhuma expansão de tempo ou lugar poderia alterar isso. Nunca se podia fugir de si próprio.

— Acho isso um desrespeito, para te ser franco — disse-me ele.  
— Depois de tudo o que fiz por ti.

— Agradeço o que fizeste por mim... — Hesitei. O que fizera ele exatamente por mim? Aquilo que me prometera fazer não tinha acontecido.

— Tens noção de como é o mundo moderno, Tom? Não é como no antigamente. Não podes simplesmente mudar de morada e acrescentar o teu nome no registo da paróquia. Sabes quanto é que tive de *pagar* para te manter a ti e aos outros membros em segurança?

— Bem, sendo assim, podia poupar-te algum dinheiro.

— Eu fui sempre muito claro: esta é uma rua de um só sentido...

— Uma rua de um só sentido que eu nunca pedi para descer.  
Ele bebeu pela palhinha e estremeceu com o sabor do batido.

— Que é a própria vida, não é? Escuta, miúdo...

— Dificilmente o serei.

— Fizeste uma escolha. Foi por opção tua que foste falar com o Dr. Hutchinson...

— E eu jamais teria feito essa escolha se soubesse o que iria acontecer-lhe.

Ele desenhou círculos com a palhinha, depois pousou o copo na mesinha ao seu lado, para poder tomar um suplemento de glucosamina, para a artrite.

— Nesse caso, teria de mandar matar-te. — Riu-se com aquele seu coaxo, para dar a entender que era uma piada. Mas não era. Claro que não era. — Vou fazer um acordo contigo, um compromisso. Vou dar-te exatamente a vida que queres, qualquer que seja, mas a cada oito anos, como sempre, vais receber uma chamada, e, antes de escolheres a tua próxima identidade, vou pedir-te que faças uma coisa.

Eu já tinha ouvido isto tudo, claro. Se bem que «qualquer vida que queiras» nunca se traduzia realmente nisso. Ele dava-me uma mão-cheia de sugestões e eu escolhia uma. E também a minha resposta era mais do que conhecida para os ouvidos dele.

— Não há nenhuma notícia dela? — Era uma pergunta que eu já fizera uma centena de vezes, mas nunca soara tão patética, tão escusada como agora.

Ele olhou para a bebida.

— Não.

Reparei que o disse um bocadinho mais depressa do que era habitual.

— Hendrich?

— Não. Não, não há. Mas, escuta, estamos a encontrar pessoas novas a um ritmo incrível. Mais de 70, no último ano. Lembras-te de quando começámos? Num ano bom, eram 5. Se ainda queres encontrá-la, seria uma maluquice queres sair agora.

Ouvi um breve som de salpico proveniente da piscina. Pus-me em pé, fui até à beira da piscina, e vi um ratinho a nadar em desespero ao longo de um filtro de água. Ajoelhei-me e tirei a criatura para fora. O ratinho desatou a fugir em direção à erva aparada na perfeição.

Ele tinha-me na mão e sabia disso. Não havia maneira de sair com vida. E mesmo que houvesse, era mais fácil ficar. Havia nisso um conforto — uma espécie de seguro.

— Qualquer vida que eu queira?

— Qualquer vida que queiras.

Tenho quase a certeza de que, sendo Hendrich como era, estava a partir do pressuposto de que eu iria exigir qualquer coisa extravagante e dispendiosa. Que haveria de querer viver num iate ao largo da costa de Amalfi, ou numa *penthouse* no Dubai. Mas eu tinha estado a pensar no assunto e já sabia o que dizer.

— Quero voltar para Londres.

— Londres? Ela não deve lá estar, sabes?

— Eu sei. Mas só quero voltar para lá. Sentir que estou de novo em casa. E quero ser professor. Professor de História.

Ele riu-se.

— Professor de História. Mas, quê, num liceu?

— Em Inglaterra diz-se «escola secundária». Mas sim, professor de História num liceu. Acho que seria uma coisa boa para eu fazer.

Hendrich sorriu e olhou para mim ligeiramente desconcertado, como se eu tivesse pedido frango em vez de lagosta.

— Perfeito. Sim. Bem, só precisamos de organizar umas coisas e...

E enquanto Hendrich continuava a falar, eu observava o rato a desaparecer por baixo da sebe, para as sombras negras, em direção à liberdade.



## *Londres, agora*

**L**ondres. A primeira semana da minha nova vida. Gabinete da diretora, na Escola de Oakfield. Estou a tentar parecer normal. É um desafio crescente. O passado está a tentar irromper.

Já irrompeu. O passado está sempre cá. A sala cheira a café, desinfetante e alcatifa acrílica, mas há um póster de Shakespeare.

É o retrato que se vê sempre dele. Cabelo com entradas, pele pálida, os olhos vagos de alguém drogado. Uma imagem que não se parece realmente com Shakespeare.

Devolvo a atenção à diretora, Daphne Bello. Usa argolas cor de laranja. Tem alguns cabelos brancos no meio dos pretos. Sorri para mim. É um sorriso melancólico. O tipo de sorriso de que ninguém é capaz antes dos 40 anos de idade. Daqueles que contêm tristeza, provocação e diversão, tudo ao mesmo tempo.

— Já cá ando há muito tempo.

— A sério? — pergunto.

Lá fora, uma longínqua sirene da polícia esmorece no silêncio.

— O *tempo* — diz ela — é uma coisa estranha, não é?

Segura delicadamente no rebordo da chávena de café de papel, enquanto a pousa ao lado do computador.

— A mais estranha — concordo.

Gosto de Daphne. Gosto de toda esta entrevista. Gosto de estar de volta aqui, a Londres, de volta a Tower Hamlets. E de estar numa entrevista para um emprego normal. Por uma vez na vida, é tão maravilhoso sentir-me... bom... *normal*.

— Há três décadas que sou professora. E aqui, há duas. Que pensamento tão deprimente. Estes anos todos. Estou tão velha. — Suspira.

Sempre achei graça às pessoas dizerem isso.

— Não parece. — É o que se costuma dizer, por isso, digo-o.

— Que encantador! Pontos extra! — Ri-se com uma gargalhada que se eleva duas oitavas inteiras.

Imagino essa gargalhada como uma ave invisível, uma coisa exótica, de Santa Lúcia (de onde o pai dela era originário), a voar em debandada para o céu cinzento para lá da janela.

— Oh, ser assim jovem. — Ri de forma abafada.

— Quarenta e um não é jovem — respondo-lhe, enfatizando o jocoso número. *Quarenta e um. Quarenta e um. É a idade que tenho.*

— Parece muito bem.

— Acabei de regressar de férias. Pode ser isso.

— Algum sítio agradável?

— Sri Lanka. Sim. Foi agradável. Dei de comer a tartarugas no mar...

— Tartarugas?

— Sim.

Olho pela janela e vejo uma mulher com um bando de alunos de uniforme a encaminhar-se para o campo de jogos. Ela para, vira-se para eles e eu vejo-lhe o rosto quando ela profere palavras que não ouço. Usa óculos, calças de ganga e um casaco de malha comprido que adeja suavemente ao vento, e empurra o cabelo para trás da orelha. Está a rir-se de qualquer coisa que um dos alunos diz. O riso ilumina-lhe o rosto e eu fico momentaneamente hipnotizado.

— Ah — diz Daphne, para meu constrangimento, quando vê para onde eu estou a olhar. — Essa é a Camille, a nossa professora de Francês. Não há ninguém como ela. Os miúdos adoram-na. Está sempre a levá-los lá para fora... Aulas de Francês ao ar livre. É esse tipo de escola.

— Sei que fez imensas coisas ótimas aqui — digo eu, tentando que a conversa volte a encarrilar.

— Eu tento. Tentamos todos. Mas por vezes é uma batalha perdida. É a minha única preocupação em relação à sua candidatura. As suas referências são espantosas. E eu confirmei-as a todas...

Sinto-me aliviado. Não por ela ter confirmado as referências, mas por ter havido alguém a atender o telefone ou a responder aos e-mails.



— ... mas esta não é uma escola rural em Suffolk. Estamos em Londres. Isto é Tower Hamlets.

— Miúdos são miúdos.

— E são ótimos miúdos. Mas esta zona é diferente. Não têm os mesmos privilégios. O que me preocupa é que possa ter vivido uma vida bastante protegida.

— Poderá surpreender-se.

— E muitos alunos já têm dificuldades suficientes com o presente, quanto mais com a História. Só se importam com o mundo à sua volta. A solução é conseguir que se envolvam. Como é que daria vida à História?

Não havia pergunta mais fácil no mundo.

— A História não é uma coisa que precise de ganhar vida. A História já *está* viva. Nós somos a História. A História não são os políticos ou os reis e as rainhas. A História é toda a gente. É tudo. É esse café. Conseguiria explicar muito de toda a história do capitalismo, do império e da escravatura só a falar sobre café. A quantidade de sangue e desgraça que aconteceu para que estivéssemos aqui sentados a beber café de copos de papel é incrível.

— Tirou-me a vontade de o beber.

— Oh, peço desculpa. Mas a questão é: a História está em toda a parte. É só fazer com que as pessoas se apercebam disso. Faz-nos compreender um lugar.

— Certo.

— A História são as pessoas. Toda a gente adora a História.

Daphne olha para mim com dúvidas, com o rosto a recuar para o pescoço à medida que as sobrancelhas se erguem.

— Tem a certeza disso?

Faço um ligeiro aceno de cabeça.

— É só fazê-las perceber que tudo o que dizem e fazem e veem só é aquilo que dizem e fazem e veem por causa do que se passou antes. Por causa de Shakespeare. Por causa de todos os humanos que já viveram.

Olho pela janela. Encontramo-nos no terceiro andar e temos uma bela vista, mesmo com a cinzenta chuva miudinha de Londres. Vejo um edifício georgiano antigo, pelo qual passei muitas vezes.

— Aquela casa, aquela casa ali. A que tem aquelas chaminés todas? Antigamente, era um hospício. E aquilo ali — aponto para outro edifício

de tijolo, mais baixo — era o antigo matadouro. Levavam todos os ossos velhos para fazerem porcelana a partir deles. Se tivéssemos passado por ali há 200 anos, teríamos ouvido os lamentos provenientes das pessoas que a sociedade declarara como loucas de um lado e os do gado do outro...

*Se, se, se.*

Aponto para os terraços em ardósia a leste.

— E ali mesmo, numa padaria, na Old Ford Road, era onde a Sylvia Pankhurst e as sufragistas da parte oriental de Londres costumavam encontrar-se. Tinham uma grande placa, pintada a dourado, que dizia «VOTO PARA AS MULHERES» e era impossível não se ver, a pouca distância da antiga fábrica de fósforos.

Daphne faz uma anotação qualquer.

— E toca música, estou a ver. Guitarra, piano e violino.

*E alaúde, mas não digo. E bandolim. E cítara. E flauta de estanho.*

— Sim.

— Assim envergonha o Martin.

— O Martin?

— O nosso professor de Música. Sem esperança. Não há esperança para ele. Mal sabe tocar ferrinhos. Mas acha-se uma estrela de *rock*. Pobre Martin.

— Bem, eu adoro música. Adoro tocar música. Mas considerá-la-ia uma coisa difícil de ensinar. Sempre achei difícil falar sobre música.

— Ao contrário da História?

— Ao contrário da História.

— E parece estar ao corrente do atual programa.

— Sim — minto, sem dificuldade. — Absolutamente.

— E ainda é uma pessoa jovem.

Encolho os ombros e faço o tipo de cara que penso ser o esperado.

— Eu tenho 56, portanto, 41 é jovem, vá por mim.

*Cinquenta e seis é jovem.*

*Oitenta e oito é jovem.*

*Cento e trinta é jovem.*

— Bem, eu sou um quarentão bastante *velho*.

Ela sorri-me. Dá um estalido no topo da caneta. Depois dá outro. Cada um é um momento. O primeiro estalido, a pausa entre o estalido e o segundo estalido. Quanto mais tempo se vive, mais difícil se torna.

Agarrá-los. Cada breve momento à medida que surge. Viver noutra coisa que não seja o passado ou o futuro. Estar de facto ali.

O sempre, como disse Emily Dickinson, é composto de «agoras». Mas como é que se habita o agora em que se está? Como é que se impede a entrada dos fantasmas de todos os outros «agoras»? Em suma, como é que se vive?

Estou à deriva.

Ultimamente, tem acontecido muito. Já tinha ouvido falar nisto. Outros albas tinham-no referido. Chega-se ao ponto médio da vida e os pensamentos tornam-se demasiados. As recordações inflam. As dores de cabeça aumentam. A dor de cabeça de hoje não é assim tão má, mas está lá.

Tento concentrar-me. Tento agarrar-me àquele outro agora, de há poucos segundos, em que estava a desfrutar da entrevista. A desfrutar da sensação de uma relativa normalidade. Ou da ilusão da mesma.

*O normal não existe.*

*Não para mim.*

Tento concentrar-me. Olho para Daphne enquanto ela abana a cabeça e se ri, mas agora de modo suave, de algo que não revela. Algo triste, é o que sinto, pelos seus olhos subitamente vítreos.

— Bem, Tom, devo dizer que estou bastante impressionada consigo e com esta candidatura.

*Tom.*

*Tom Hazard.*

O meu nome — o meu nome original — era Estienne Thomas Ambroise Christophe Hazard. Esse foi o ponto de partida. Desde então, já tive muitos, muitos nomes, e fui muitas, muitas coisas. Mas, na minha primeira chegada a Inglaterra, livre-me rapidamente do supérfluo e tornei-me apenas Tom Hazard.

Agora, ao usar novamente o nome, a sensação é de retorno. Ecoa na minha cabeça.

*Tom. Tom. Tom. Tom.*

— Preenche todos os requisitos. Mas mesmo que não preenchesse, o lugar era seu.

— Oh, a sério? Porquê?

Ela levanta as sobrancelhas.

— Não há mais nenhum candidato!

Ambos nos rimos um pouco com isso.

Mas a gargalhada morre mais depressa do que um efêmero.

Porque, em seguida, ela diz:

— Eu vivo na Chapel Street. Saberá alguma coisa sobre essa rua?

E sei mesmo, claro, e a pergunta desperta-me como um vento frio. A minha dor de cabeça lateja com mais força. Imagino uma maçã a estourar num forno. Não devia ter voltado para cá. Nunca devia ter pedido a Hendrich que isto acontecesse. Penso em Rose, na última vez que a vi e naqueles olhos dilatados em desespero.

— Chapel Street. Não sei, não. Não, lamento, mas não sei.

— Não se preocupe. — Ela beberica o café.

Olho para o póster de Shakespeare. Parece estar a fitar-me, como um velho amigo. Por baixo da imagem há uma citação.

*Sabemos o que somos, mas não sabemos o que podemos ser.*

— Tenho um pressentimento em relação a si, Tom. Temos de confiar nos nossos sentimentos, não é verdade?

— Suponho que sim — digo eu, embora os sentimentos fossem a única coisa em que nunca confiara.

Ela sorri.

Eu sorrio.

Levanto-me e dirijo-me para a porta.

— Até setembro.

— Ah! Setembro. Setembro. Passa a correr. O tempo, está a ver? É outra característica de quando se fica mais velho. O tempo acelera.

— Quem me dera — sussurro.

Mas ela não ouve, porque depois acrescenta:

— E os filhos.

— Como?

— Os filhos são outra coisa que parece fazer a vida avançar mais depressa. Eu tenho três. A mais velha tem 22. Licenciou-se no ano passado. Ainda ontem andava a brincar com os seus *Lego* e hoje vai buscar as chaves do seu apartamento novo. Num abrir e fechar de olhos, 22 anos. Tem filhos?

Agarro-me à maçaneta da porta. Isto também é um momento. E, dentro dele, mil outros ganham dolorosamente vida.

— Não — digo, porque é mais fácil do que a verdade. — Não tenho. Ela parece, por breves instantes, um pouco constrangida. Acho que está prestes a fazer um comentário, mas decide antes dizer:

— Até breve, Sr. Hazard.

Saio para o corredor, que cheira ao mesmo desinfetante, onde dois adolescentes encostados à parede fitam os seus telemóveis com a mesma devoção com que os antigos sacerdotes olhavam para os livros de orações. Viro-me e vejo Daphne a olhar na direção do seu computador.

— Sim. Até breve.

À saída do gabinete de Daphne Bello e da escola, encontro-me no século XXI mas também no século XVII.

Enquanto percorro o cerca de quilómetro e meio até à Chapel Street — uma extensão de casas de apostas, passeios, paragens de autocarro, candeeiros de cimento e grafítis pouco inspirados —, encontro-me quase em transe. As ruas parecem-me demasiado largas. E quando chego à Chapel Street, descubro o que obviamente já sei: as casas que em tempos lá estiveram já não estão, substituídas por outras construídas em finais do século XIX, altas e em tijolo vermelho, e tão austeras como a época da sua conceção.

Na esquina, onde eu conhecera uma pequena igreja abandonada e um vigia, está agora um *KFC*. O plástico vermelho lateja como uma ferida. Passo por lá de olhos fechados, tentando sentir a que distância ficava originalmente a casa naquela rua, e faço uma paragem depois de mais ou menos 20 passos. Abro os olhos e vejo uma casa geminada sem qualquer relação física com a casa à qual eu havia chegado tantos séculos antes. A porta sem marca ostenta agora um azul moderno. A janela revela uma sala de estar com televisão. Alguém está a jogar um videojogo. Um extraterrestre explode no ecrã.

A minha dor de cabeça ribomba e eu sinto uma fraqueza e preciso de recuar, quase como se o passado fosse algo capaz de rarefazer o ar ou afetar as leis da gravidade. Encosto-me a um carro, com suavidade, mas o suficiente para fazer disparar o alarme.

E o barulho é estridente, como um gemido de dor, a uivar desde 1623, e eu afasto-me celeremente da casa, depois da rua, desejando ser possível afastar-me com a mesma facilidade do passado.



## *Londres, 1623*

**E**stive apaixonado uma vez na vida. Suponho que isso faça de mim um romântico, até certo ponto. A ideia de que se tem apenas um amor verdadeiro, a que mais ninguém irá comparar-se depois de esse desaparecer. É uma ideia doce, mas a realidade é o terror absoluto. Enfrentar todos aqueles anos solitários *depois*. Existir depois da morte do sentido da nossa vida.

E o sentido da minha vida foi a Rose, por uns tempos.

Mas, depois de ela morrer, muitas das boas recordações ficaram ensombradas pela última. Um fim que foi também um terrível início. Aquele último dia que passei com ela. Porque foi esse dia, aquele em que me dirigi para Chapel Street para ir vê-la, que definiu tanta coisa no decurso dos séculos.

Portanto...

Eu estava parado à porta dela.

Tinha batido à porta e esperado e tornado a bater.

O vigia, por quem eu passara na esquina da rua, aproximava-se agora.

— Essa casa está marcada, rapaz.

— Sim, eu sei.

— Não deves entrar aí... Não é seguro.

Estendi a mão.

— Deixe-se ficar aí. Eu também estou amaldiçoado. Não se aproxime mais.

Era mentira, claro, mas uma mentira eficaz. O vigia recuou de uma forma consideravelmente apressada.

— Rose — disse eu, do outro lado da porta. — Sou eu. Sou eu. O Tom. Acabei de ver a Grace. Junto ao rio. Ela disse-me que estavas aqui...

Demorou um pouco, mas ouvi a voz dela, vinda lá de dentro.

— Tom?

Há anos que eu não ouvia aquela voz.

— Oh, Rose, abre a porta. Preciso de te ver.

— Não posso, Tom. Estou doente.

— Eu sei. Mas eu não fico infetado. Andei por perto de muitos doentes com peste nestes últimos meses e não tive uma constipação sequer. Vá lá, Rose, abre a porta.

Ela assim fez.

E ela lá estava, uma mulher. Éramos da mesma idade, praticamente, mas agora ela parecia estar perto dos 50, enquanto eu continuava a parecer um adolescente.

A pele dela estava cinzenta. As chagas formavam padrões no seu rosto como territórios num mapa. Mal conseguia ter-se em pé. Senti-me culpado por tê-la obrigado a sair da cama, mas ela parecia contente por me ver. Falou, de modo semicoerente, enquanto eu a ajudava a voltar para a cama.

— Pareces tão novo ainda... Ainda és um jovem... um rapaz, quase.

— Tenho uma ruga pequenina, na testa. Olha.

Peguei-lhe na mão. Ela não conseguia ver a ruga.

— Desculpa — disse ela. — Desculpa ter-te dito para te ires embora.

— Era o mais acertado. Só a minha existência já era um perigo para ti.

Devo também dizer, caso precise de ser dito: não sei ao certo se as palavras que escrevo aqui foram as palavras efetivamente ditas. Provavelmente não. Mas é assim que me lembro destas coisas, e a única coisa que podemos ser é fiéis às nossas memórias da realidade, não à realidade propriamente dita, que é uma coisa muito parecida, mas nunca precisamente igual.

Embora eu esteja absolutamente seguro de que ela depois disse, palavra por palavra:

— Há uma escuridão a orlar tudo. É um êxtase absolutamente horrendo.

E eu senti o horror do horror dela. Isto, suponho eu, é um preço que pagamos por amor: a absorção da dor do outro como se fosse nossa.

Ela entrava e saía do delírio a espaços.

A doença assumia um controlo cada vez maior, quase ao minuto. Ela era agora o oposto de mim. Enquanto para mim a vida se estendia em direção a um ponto no futuro quase indefinidamente distante, para a Rose o fim aproximava-se a galope.

Na casa estava escuro. Todas as janelas haviam sido entaipadas. Mas enquanto ela estava deitada na cama, com a roupa de dormir húmida, vi-lhe o rosto a brilhar como um berlinde pálido, com as marcas vermelhas e cinzentas a colonizar-lhe a pele. Tinha o pescoço inchado com altos do tamanho de ovos. Era terrível, uma espécie de violação, vê-la transformada daquela maneira.

— Está tudo bem, Rose. Está tudo bem.

Tinha os olhos dilatados de medo, quase como se houvesse algo dentro do seu crânio a empurrar lentamente a partir de trás.

— Calma, calma, calma... Vai ficar tudo bem...

Era uma coisa tão ridícula de se dizer. Não ia ficar tudo bem.

Ela gemeu um pouco. O corpo contorcia-se de dor.

— Tens de ir. — Tinha a voz seca.

Debrucei-me sobre ela e beijei-lhe a testa.

— Cuidado — disse ela.

— É seguro. — Para ser sincero, eu não sabia ao certo se isso era verdade. Eu achava que sim, mas não podia saber, tendo vivido apenas 42 anos na Terra (e parecendo ter pouco mais do que os 16 que a Rose inicialmente pensou que eu tivesse). Mas não me importei. A vida tinha perdido o valor nos anos longe dela.

Embora eu não visse a Rose desde 1617 o amor continuava lá, exatamente com a mesma força, e agora fazia-me sofrer. Fazia-me sofrer mais do que qualquer dor física poderia tentar.

— Fomos felizes, não fomos, Tom? — Tinha agora no rosto o mais débil resquício de um sorriso. Lembrei-me de passarmos pelo Celeiro de Aveia, com baldes de água pesados nas mãos, numa longínqua manhã de terça-feira, a conversar alegremente. Lembrei-me da alegria do sorriso dela e do seu corpo, quando se contorcia de



prazer e não de dor, e de tentarmos não fazer barulho, para a irmã dela não acordar. Lembrei-me das longas caminhadas ao regressar de Bankside, esquivando-me aos cães vadios e escorregando na lama, reconfortado apenas pelo pensamento de que ela estaria no final da viagem até casa, e seria o seu propósito.

Todos esses tempos, todas essas conversas, todo esse *tudo*, reduzidos à mais simples e mais elementar verdade.

— Fomos... Eu amo-te, Rose. Amo-te tanto.

Queria abraçá-la e dar-lhe a comer uma tarte de coelho e umas cerejas e pô-la boa outra vez. Percebia que o seu sofrimento era tanto que ela só queria morrer, mas não sabia o que isso significaria. Não sabia como é que o mundo haveria de manter a coesão.

E havia mais uma coisa que eu queria. Uma resposta que eu esperava sinceramente que ela tivesse.

— Meu amor, onde está a Marion? — perguntei.

Ela fitou-me por um bom bocado. Preparei-me para uma notícia terrível.

— Ela fugiu...

— O quê?

— Ela era como tu.

Demorei um momento a assimilar.

— Parou de envelhecer?

Ela falava lentamente, por entre suspiros, tosse e sussurros. Eu disse-lhe que não precisava de dizer nada, mas ela sentia que tinha de o fazer.

— Sim. E as pessoas começaram a reparar, porque os anos passavam e ela não mudava. Eu disse-lhe que tínhamos de mudar de casa outra vez, o que a transtornou imensamente, e o Manning veio ter connosco...

— O Manning?

— E ela fugiu nessa noite, Tom. Fui a correr atrás dela, mas ela tinha desaparecido. Nunca mais voltou. Não faço ideia de onde foi nem se está em segurança. Tens de tentar encontrá-la. Tens de tentar olhar por ela... Reza, sê forte agora, Tom. Encontra-a. Eu fico bem. Vou juntar-me aos meus irmãos...

Nunca me sentira tão fraco, e, no entanto, estava pronto a dar-lhe qualquer coisa, até o mito da minha força e futura felicidade.

— Vou ser forte, minha Rose.

A respiração dela era uma brisa fraca.

— Vais ser.

— Oh, Rose.

Eu precisava de continuar a dizer o nome dela e que ela continuasse a ouvi-lo. Precisava que ela continuasse a ser uma realidade viva.

*Somos súbditos do tempo, e o tempo ordena que te vás...*

Pedi-me que cantasse para ela.

— Qualquer coisa que tenhas no coração.

— O meu coração está triste.

— Canta com tristeza, então.

La agarrar no alaúde, mas ela só queria a minha voz, e a minha voz sem acompanhamento não era algo de que me orgulhasse particularmente, ainda que à frente da Rose, mas limitei-me a cantar para ela.

*Os sorrisos dela, as primaveras que fazem crescer as  
minhas alegrias,*

*Os esgares, os invernos do meu pesar...*

Ela abriu um sorriso suave e transtornado e eu senti o mundo inteiro a esvair-se, e quis esvair-me com ele, ir para onde ela estava a ir. Não sabia como ser eu, o meu ser estranho e invulgar, sem ela. Tinha tentado, claro. Tinha existido anos inteiros sem ela, mas não fora mais do que isso. Uma existência. Um livro sem palavras.

— Vou procurar a Marion.

Ela fechou os olhos, como se tivesse ouvido a última coisa que queria ouvir.

Estava agora tão cinzenta como um céu de janeiro.

— Amo-te, Rose.

E eu procurei a boca dela, e a linha entre os seus lábios pálidos em bolha, em busca da mais ligeira curva, da mais ligeira reação, mas ela estava agora queda. A quietude era aterradora. As únicas coisas que se mexiam eram as partículas de pó.

Implorei a Deus, pedi, supliquei e negocieei, mas Deus não negociou. Deus foi teimoso, surdo e abstraído. E ela morreu e eu fiquei vivo, e abriu-se um buraco, sem fundo, e eu caí e não parei de cair durante séculos.



## *Londres, agora*

**A**inda me sinto fraco. Tenho a cabeça a latejar. Caminho. Acho que vai ajudar a amenizar as memórias de Chapel Street. Caminho até ao antídoto: Hackney. Well Lane. Agora com o nome de Well Street. O sítio onde eu e a Rose vivemos juntos pela primeira vez, antes de os anos de infelicidade, separação e peste assumirem o controlo. As casinhas, os estábulos, os celeiros, o lago e os pomares há muito que desapareceram. Sei que não é saudável andar a passear por ruas que já não me são familiares, em busca de recordações que foram pavimentadas por cima, mas preciso de vê-la.

Continuo a andar. Esta deve ser uma das ruas mais movimentadas de Hackney. Autocarros e pessoas às compras passam apressados. Eu passo por uma loja de telemóveis, por uma casa de penhores e por uma casa de sandúches. E é então que o vejo, do outro lado da rua — o local onde devemos ter morado.

É agora um edifício de tijolo vermelho sem janelas, com uma placa azul e branca do lado de fora. SERVIÇOS DE RESGATE DE ANIMAIS DE HACKNEY. É deprimente sentir a nossa vida apagada. O tipo de sensação deprimente que exige que nos encostemos a uma parede junto à máquina multibanco, obrigando-nos a pedir desculpa ao velhote que protege o seu número PIN, explicando-lhe que não queremos assaltá-lo, para depois lidarmos com o olhar fixo dele, como se ainda não estivesse convencido.

Vejo um homem com um *Staffordshire Terrier* a sair do prédio. É então que me apercebo do que posso fazer. Como posso reconciliar-me um pouco com o meu passado. Posso atravessar a rua e entrar.

\*\*\*

Todos os outros cães ladram. Mas este está simplesmente deitado no seu cesto, pequeno demais para o seu tamanho. Trata-se de uma estranha criatura cinzenta com olhos de safira. O cão, parece-me a mim, é demasiado digno para tanta modernice espalhafatosa, um lobo fora do seu tempo. Identifico-me com ele.

O cão tem um brinquedo de roer incólume ao seu lado. Um osso de borracha amarelo-vivo.

— De que raça é? — pergunto à voluntária do abrigo para cães («Lou» é o nome no crachá). Ela coça o eczema no braço.

— É um *akita* — diz ela. — Japonês. Bastante raro. É um bocadinho parecido com um *husky*, não é?

— Sim.

É este o local, tanto quanto percebo. Este canil, este onde se encontra este belo cão de olhar triste, fica no sítio onde antigamente era o quarto. O quarto em que dormíamos.

— Quantos anos tem? — pergunto a Lou.

— É bem velho. Tem 11 anos. É um dos motivos por que tem sido difícil arranjar-lhe casa.

— E porque é que aqui está?

— Foi resgatado. Estava a viver na varanda de um apartamento. Acorrentado. Num estado deplorável. Veja. — Aponta para uma cicatriz vermelho-acastanhada na anca, onde não cresce pelo. — Uma queimadura de cigarro.

— Ele parece tão deprimido.

— Pois.

— Como é que se chama?

— Nunca soubemos o nome dele. Nós chamamos-lhe *Abraham*.

— Porquê?

— O prédio onde o encontramos chamava-se Torre Lincoln.

— Ah — disse eu. — *Abraham*. Fica-lhe bem.

O *Abraham* levanta-se. Vem ter comigo e fita-me com aqueles olhos azuis, como se estivesse a tentar dizer-me alguma coisa. Eu não fazia tenções de arranjar um cão. Não fazia parte dos planos do dia. No entanto, ali estou eu, a dizer:


— É este mesmo. Gostava de o levar para casa.

Lou olha para mim com surpresa.

— Não quer ver os outros?

— Não.

Reparo na pele manchada no braço de Lou — carmim e em chaga — e na minha mente volto àquele dia frio de inverno, na sala de espera do Dr. Hutchinson, no meio dos outros pacientes, enquanto espero com nervosismo por um diagnóstico.



«Tal como basta apenas um instante para se morrer, também basta apenas um instante para se viver. Fecha-se simplesmente os olhos e deixa-se que todos os receios fúteis se esvaíam.»

O meu nome é Tom Hazard. Pareço ter 40 anos, mas não se deixe iludir... sou muito mais velho do que isso. Séculos mais velho.

E este é o meu perigoso segredo.

Fui contemporâneo de Shakespeare, vivi em Paris nos loucos anos 20, cruzei os mares de uma ponta a outra. Eternamente a fugir do meu passado e à procura daquilo que me foi roubado. Mas sem identidade ou raízes, a vida eterna pode tornar-se um vazio.

Numa tentativa de voltar à normalidade, arranjei trabalho como professor de História. (Quem melhor para relatar o passado do que alguém que o viveu realmente?) Talvez desta forma consiga perder o medo de viver.

A única regra para pessoas como eu é nunca se apaixonarem. Infelizmente, descobri isto tarde demais.

Escrito com alma e coração, *Como Parar o Tempo* celebra aquilo que nos torna humanos e ensina-nos uma verdade universal: a vida deve ser vivida sem medos.

**TOPSELLER**

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8869-47-0



9 789898 869470

Literatura Traduzida